

A DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO NA AGRICULTURA FAMILIAR

Aline Motter Schmitz¹
Roselí Alves dos Santos²

Resumo: Este texto trata da parte teórica da pesquisa em desenvolvimento que busca compreender a divisão sexual do trabalho na agricultura familiar, especialmente na produção leiteira na região Sudoeste paranaense e nos municípios de Francisco Beltrão e Salto do Lontra. A agricultura do Sudoeste paranaense é composta majoritariamente por pequenas unidades de produção agrícola que congrega técnicas rudimentares com tecnologias modernas, as quais possibilitam inserção na lógica capitalista de produção embora de maneira fragilizada que se conforma na agricultura familiar.

Palavras-chave: Divisão Sexual do Trabalho. Agricultura Familiar. Mulheres Agricultoras.

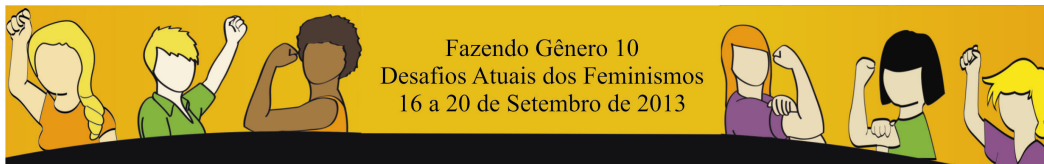
Propomo-nos neste texto fazer uma discussão teórica sobre a divisão sexual do trabalho nas unidades de produção da agricultura familiar, levantando alguns aspectos da região Sudoeste do Paraná em especial dos municípios de Francisco Beltrão e Salto do Lontra que se destacam no trabalho organizativo das mulheres agricultoras no Movimento Sindical. As discussões fazem parte da pesquisa *A Participação das Mulheres Agricultoras familiares na produção de leite nos municípios de Francisco Beltrão, Marmeleiro, Salto do Lontra, Capanema e Ampére*³, que se propõe a estudar a participação das mulheres na produção de leiteira dos municípios especificados, bem como as relações de trabalho e gênero nas unidades de produção agrícola e a participação das mulheres nas entidades representativas da agricultura familiar. Nesta pesquisa procuramos analisar também a divisão sexual do trabalho na agricultura e em especial na produção leiteira, procurando ressaltar o conceito de patriarcado e agricultura familiar.

A divisão sexual do trabalho, distribuição do trabalho entre homens e mulheres, existe há muito tempo e em diferentes espaços e sociedades. No entanto, é na sociedade capitalista e no seu processo de ampliação do capital que ela toma maior visibilidade, principalmente a partir do Movimento Feminista que questiona as desigualdades dela decorrente. A região Sudoeste do Paraná tem a especificidade de ser composto, majoritariamente, por pequenas unidades de produção

¹ Geógrafa, mestranda na Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE, campus de Francisco Beltrão - PR, Brasil.

² Prof^a Dr^a do curso de Graduação e Pós-graduação na Geografia Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, campus de Francisco Beltrão – PR, Brasil.

³ Pesquisa iniciada no ano de 2012, na Pós Graduação Stricto Sensu ao nível de Mestrado do curso de Geografia na Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Unioeste, campus de Francisco Beltrão. A pesquisa conta com apoio de bolsa da Demanda Social da CAPES.



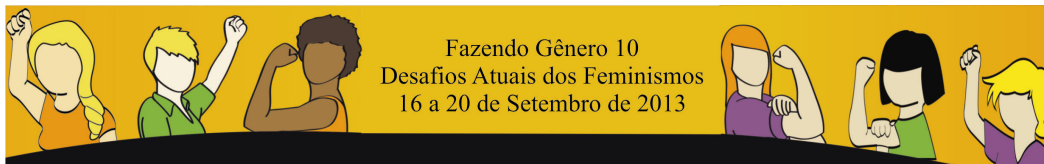
agrícola familiar, diversificadas com a produção de grãos variados - milho, soja, feijão, entre outros - e a produção leiteira que vem se tornando importante fonte de renda para as famílias e que coloca o Sudoeste do Paraná como a segunda principal bacia leiteira do estado. Os (as) agricultores (as), mesmo possuindo pequenas extensões de terras, tendem se inserir ou a serem inseridos nas normas de mercado seguindo a dinâmica capitalista através da utilização do pacote tecnológico da agricultura.

A lei que define a agricultura familiar estabelece que a unidade de produção familiar deve utilizar predominantemente mão de obra da família nas atividades econômicas no estabelecimento ou empreendimento, portanto, inclui o trabalho do homem, da mulher, dos filhos (as). Neste sentido nos propomos a analisar de que forma é realizado o trabalho das famílias agricultoras, como é dividido esse trabalho na unidade de produção agrícola e na produção leiteira. Para Silva; Arantes; Ferreira (2012), a divisão sexual do trabalho se mantém pelo princípio da separação entre o que é trabalho de homem e o que é trabalho de mulher, sendo que o trabalho de mulher está associado à reprodução, o cuidado com as crianças e a manutenção e cuidado com as outras pessoas. São relações como destaca Hirata e Kergoat (2007) em que o trabalho das mulheres apresenta uma conotação natural, maternal e que não recebe o mesmo destaque hierárquico e de remuneração que os homens. Desta forma, o trabalho do homem tem maior visibilidade e valorização social e econômica.

Esta é uma pesquisa em execução, desta forma o presente texto busca destacar a realidade da região estudada, visto que os questionários e as entrevistas com as (os) agricultoras (es) ainda não foram realizadas, portanto, nos detemos a análise bibliográfica e de algumas informação de alguns trabalhos de campo na região e de alguns dados dos projetos de pesquisas e extensão anteriores *Registrando a história e as experiências político - organizativo das mulheres agricultoras no Sudoeste paranaense*⁴ e do projeto: *A participação política das mulheres agricultoras do Sudoeste do Paraná no Sindicato de Trabalhadores Rurais de Francisco Beltrão*⁵. No primeiro item, procuramos analisar o que alguns autores levantam sobre a divisão sexual do trabalho nos atendo há alguns aspectos da região de estudo e no segundo focamos na divisão sexual do trabalho na produção leiteira identificando o que é trabalho de homem e trabalho de mulher nas unidades de produção familiares da região Sudoeste paranaense.

⁴ Projeto financiado pela SETI - Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior – FUNDO PARANÁ, realizado no âmbito da Unioeste – campus de Francisco Beltrão, sob coordenação da professora Dra Roselí Alves dos Santos nos anos de 2009 a 2011.

⁵ Projeto financiado pela Fundação Araucária, realizado no âmbito da Unioeste – campus de Francisco Beltrão, sob coordenação da professora Dra Roselí Alves dos Santos nos anos de 2010 a 2013 (em fase de andamento).



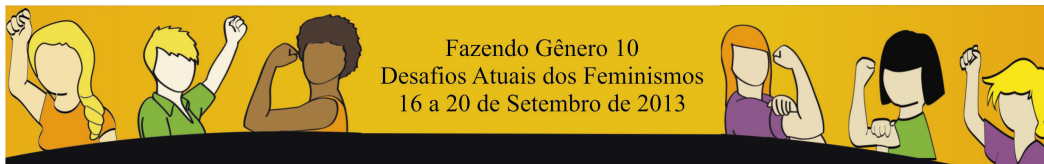
A divisão sexual do trabalho

Partimos do pressuposto como afirma Marx de que o trabalho é um dispêndio de força de trabalho humana, com um objetivo definido, produtor de valor de uso. Na sociedade capitalista o trabalho se destina a produção de mercadorias, a partir da exploração do trabalho de homens e mulheres. No entanto, esta exploração não se efetiva de forma única entre os diferentes trabalhadores e entre homens e mulheres, podemos observar uma distinção neste processo de exploração do trabalho que é espacial e também sexual. Além do reconhecimento das explorações com base nas classes sociais, destacamos também a exploração hierárquica de dominação do grupo de homens (independente da classe social) sobre as mulheres, que incorre em uma relação patriarcal, sustentada por ambos os sexos.

O capitalismo e o patriarcado exploram o trabalho das mulheres, portanto as mulheres são duas vezes exploradas no mesmo espaço social, no trabalho, na família, na vida cotidiana. No caso das mulheres agricultoras, a exploração vem de duas dimensões, são exploradas no trabalho agrícola, quando na hora da venda do produto seu trabalho não é contabilizado no preço final e também no trabalho não remunerado que fica na maior parte das vezes sob sua responsabilidade – trabalho doméstico, alimentação da família, cuidado com idosos, doentes e crianças, entre outros.

O capitalismo, desde o trabalho industrial, desenvolveu formas de ampliar os seus lucros pela **exploração máxima da força de trabalho** que reside nos corpos de trabalhadores e trabalhadoras. Primeiro na época da revolução industrial, levando ao limite o uso da capacidade física em longas jornadas de trabalho. Depois, no começo do século XX, desenvolveu métodos “racionais” de disciplinamento do corpo de trabalhadores e trabalhadoras na produção e na reprodução (SILVA, C; ARANTES, R; FERREIRA, V, 2012. p.61).

Se o capitalismo atua através dos corpos dos (as) trabalhadores (as) o corpo das mulheres é mais vulnerável não? As mulheres são o *sexo frágil*? Não, as mulheres não são sexo frágil, porém o patriarcado atua sempre procurando controlar o corpo da mulher. Desde pequenas as meninas têm sua mente voltada a beleza, a delicadeza do corpo e essa preocupação segue por toda vida na maioria dos casos. São formas de dominação e exploração das mulheres que não as desvinculam das explorações a respeito da lógica do trabalho capitalista, pois a partir desta concepção de educação as colocam como frágeis, vulneráveis e com necessidades consideradas fúteis. No entanto, trata-se de uma ideologia constituída que camufla a inserção precarizada das mulheres no mercado de trabalho remunerada ou de doméstico familiar que é base para a exploração do trabalho do homem no mercado formal. Assim, a força de trabalho de homens e mulheres é explorada no capitalismo,



porém as mulheres são mais uma vez exploradas quando recebem menos que os homens desempenhando as mesmas funções.

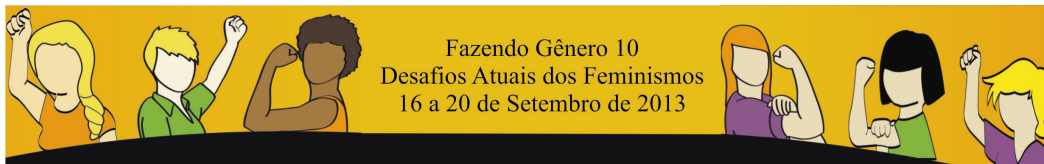
O patriarcado é compreendido pelas geógrafas feministas como um sistema de relações hierarquizadas no qual os seres humanos detêm poderes desiguais, com a supremacia da autoridade masculina sobre a feminina em diversos aspectos da vida social, abrangendo desde os sistemas econômicos e sistemas jurídico-institucionais até os regimes cotidianos do exercício da sexualidade (SILVA, J. M, 2009.p. 33).

O patriarcado pode ser identificado na agricultura quando se define o (a) chefe de família, segundo dados do IBGE na região Sudoeste paranaense, 92% dos chefes de domicílios particulares permanentes rurais são homens e apenas 8% mulheres em 1996, porém, se fosse identificado caso a caso o número de mulheres chefes seria maior, isto porque as mulheres mesmo desempenhando o papel de provedoras da família consideram os esposos/filhos/genros como chefes, também, os homens se consideram chefes e na maior parte dos casos o são, pois são eles que administram a renda da família e as mulheres assumem um papel subsumido e submisso, pois trabalham muito e mesmo assim dependem financeiramente dos maridos, pais e irmãos.

Nós, mulheres, trabalhamos muito, desde a infância e por toda a vida. Trabalhamos há muito tempo na história, desde muito antes do capitalismo, mas nosso trabalho foi invisibilizado ao longo do tempo. Para muitas de nós, hoje e em outras gerações não muito distantes, ter um trabalho e, a partir dele, conseguir alguma renda foi e é uma forma de ter mais autonomia, tomar decisões próprias, ir e vir, melhorar a vida, sair da dependência financeira. Foi e é, para muitas, a única alternativa para sobreviver em uma sociedade capitalista, na qual a venda de nossa força de trabalho é a única forma de sustento. Com nosso trabalho, remunerado e não remunerado, vendido ou gratuito, a gente não apenas se sustenta, ou sustenta a nossa família, mas sustenta o mundo (SILVA, C; ARANTES, R; FERREIRA, V, 2012. p. 8).

Para Silva; Arantes; Ferreira, (2012), vivemos numa sociedade baseada no sistema patriarcal, capitalista e racista. O capitalismo cria a divisão social do trabalho entre as classes, o patriarcado entre homens e mulheres – a divisão sexual do trabalho. Num mesmo local pode-se haver a divisão social do trabalho, divisão sexual e ainda a exclusão racial.

As mulheres agricultoras da região Sudoeste paranaense, assim como no contexto global, obtiveram várias conquistas em relação ao patriarcado, podendo citar o direito ao voto, a documentação, autonomia, o simples fato de sair de casa desacompanhada. Embora sejam direitos, eles se constituem em conquistas, decorrentes de processos organizativos, por isso também estes direitos possuem variações espaciais, portanto política, social, cultural e economicamente distintas entre os espaços. Algumas regiões são mais avançadas que outras, porém há muito que avançar nas



relações de classe e gênero e, especialmente no grupo estudado das mulheres agricultoras na autonomia e independência.

Nós, mulheres, somos duplamente exploradas por vivermos no sistema capitalista e no sistema patriarcal. No sistema patriarcal, em que os homens têm mais poder do que nós e tem poder sobre nós, também predomina outra divisão social do trabalho, que é a divisão sexual do trabalho. Ela é um dos mecanismos que sustentam a opressão e a exploração dos homens sobre nós, mulheres. O sistema capitalista se apropria dessa divisão para explorar mais as mulheres no trabalho remunerado e se apropriar do trabalho doméstico gratuito que é realizado por nós (SILVA, C; ARANTES, R; FERREIRA, V, 2012. p.13).

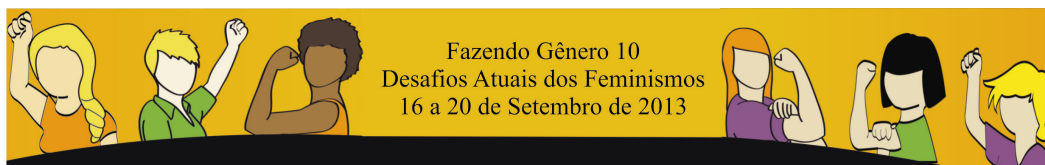
Uma das dificuldades enfrentada pelas mulheres é avançar em relação à divisão das tarefas domésticas e outras tarefas não remuneradas. Silva; Arantes; Ferreira, (2012), destacam que tarefas domésticas são fundamentais para garantir a reprodução da força de trabalho, sem o desempenho das funções de subsistência as atividades de produção não se viabilizariam. As tarefas domésticas são realizadas majoritariamente pelas mulheres, roubam tempo e energia, limita as possibilidades de autonomia econômica e para muitas gera o confinamento doméstico. Além de se constituir, embora fundamentais, em tarefas repetitivas de pequena visibilidade.

Outro problema na agricultura é que o trabalho feminino, em muitos casos, é considerado como *ajuda*, sendo *desvalorizado*. Como o homem é considerado o chefe da família e é ele que tem o poder na tomada de decisões referentes à unidade de produção, as mulheres possuem dupla ou tripla jornada de trabalho que muitas vezes é invisível aos olhos da família. Outro fator é sobre a sucessão da unidade familiar, pois os filhos homens são preparados para gerenciar a produção, conseqüentemente as mulheres e as filhas mulheres não conseguem independência financeira, por não serem incentivadas muito menos preparadas para gerenciar a produção ou para ter o controle técnico do processo produtivo, especialmente quando se refere às novas tecnologias.

O que destacamos é como se constitui a divisão sexual do trabalho nas unidades de produção agrícola e a forma como essa divisão dificulta a vida das mulheres agricultoras e exploram seu trabalho.

A divisão sexual do trabalho na produção leiteira

O Sudoeste paranaense é constituído principalmente por uma agricultura familiar de base camponesa ou como define a lei nº 11.326, de 24 de julho de 2006, agricultura familiar. Lembrando que agricultura familiar não é sinônimo de “*atraso*”, pois mesmo utilizando técnicas rudimentares



na produção – mão de obra manual – procura-se inserir no pacote tecnológico da agricultura, através do acesso das políticas de investimento, as quais possibilitam a modernização da produção agrícola e da produção leiteira.

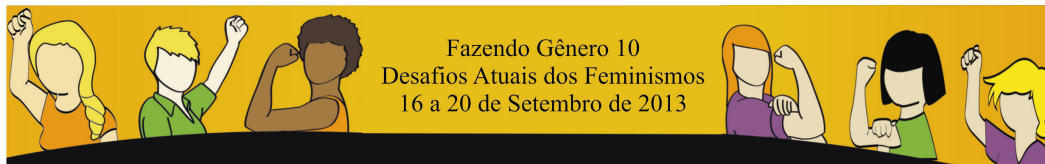
A produção leiteira vem se tornando a principal fonte de renda para as famílias agricultoras, isto porque após a modernização a mesma passa a gerar mais renda, advindas mensalmente e destinado a suprir às necessidades mais imediatas das famílias, como as compras no mercado, vestuário, pagamento da luz, na educação dos (as) filhos (as), etc. Porém, tudo nos leva a crer que as mulheres perdem espaço na gestão da atividade após a modernização da mesma.

Paulilo et. al (2000) escreve que a atividade leiteira sempre foi predominantemente feminina tanto no Brasil como na maior parte dos países, porém com as novas exigências tecnológicas e de mercado parecem estar alterando este padrão, conforme aumenta a modernização da atividade, parcela do trabalho exercido pelas mulheres passam a ser executados pelos homens, especialmente quando se refere ao uso e manipulação das tecnologias, assim como na permanência na administração da produção.

Neste sentido organizamos um quadro a fim de evidenciar a divisão sexual do trabalho na unidade de produção, neste, podemos observar que quando se refere à parte do trabalho repetitivo e menos profissionalizado fica sob responsabilidade, em geral, das mulheres, enquanto que o trabalho mais tecnificado é realizado geralmente por homens.

Quadro 1⁶. Divisão sexual do trabalho na produção de leite		
Tarefas	Homem	Mulher
Quem trabalha na produção	X	X
Quem cuida do alimento do rebanho (cuidado com a pastagem)	X	
Quem leva o alimento até a estrebaria	X	X
Cuidado com a infraestrutura (cercas, estábulo).	X	
Quem prende as vacas para ordenhar	X	X
Quem ordenha as vacas		X
Quem faz a limpeza dos equipamentos? (ordenhadeira, resfriador, etc.)		X
Quem cuida da higiene da estrebaria		X
Quem é a pessoa responsável pelo uso e gerenciamento do	X	
Quem participa dos cursos de aperfeiçoamento	X	

⁶ Quadro síntese elaborado a partir da observação e do convívio com agricultoras e agricultores.



Fazendo Gênero 10
Desafios Atuais dos Feminismos
16 a 20 de Setembro de 2013

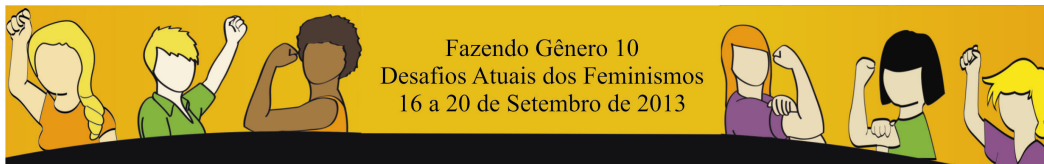
Por ser um quadro elaborado a partir da observação do trabalho dos (as) agricultores (as) na produção leiteira consideramos somente o trabalho do homem e da mulher, incluindo juntamente com estes o trabalho do (os) filho (os) homens e da (as) filha (as) mulheres.

Analisando o quadro elaborado percebemos que ambos os sexos trabalham na produção do leite, algumas atividades são desenvolvidas essencialmente pelas mulheres e outras pelos homens, no entanto algumas atividades são desenvolvidas por ambos os sexos, isso porque na ausência do homem a mulher a realiza, as atividades cotidianas são realizadas mais pelas mulheres, esta é uma das explicações para a menor participação das mulheres nos órgãos representativos da agricultura, porém precisamos ainda avançar neste debate, pois percebemos que as mulheres participam dos cursos “destinados às mulheres” como panificação, artesanato, etc.

Antes da introdução tecnológica na produção leiteira, a atividade era um saber passado de mãe para filha e realizado de forma rudimentar. Menasche e Belém (1998) destacam que “quando ocorre à mudança da comercialização láctea no Brasil, deixa-se de tomar leite para vender” (p.141), portanto, com o incentivo a venda os agricultores passam a aumentar a produção que por consequência aumenta o lucro e a partir disso os homens se inserem na atividade assumindo o controle da produção.

Na perspectiva de gênero as questões de caráter econômico são geralmente atribuídas aos homens, são poucas as mulheres que participam das direções executivas das cooperativas. Apesar de trabalharem na produção, poucas assumem cargos nas direções das entidades e que por isso não tem poder de decisão. Com a modernização da atividade leiteira observa a diminuição do trabalho braçal, via de regra executado pelas mulheres, mas em paralelo elas também fragilizam sua atuação, já precária, no controle e na gestão da produção do leite. O que observamos é a permanência da hierarquia familiar, pois mesmo antes da modernização eram os homens que controlavam as finanças da família, só que neste período a renda provinda da produção leiteira era menor.

A partir da Normativa nº 51, estabelecida em 2002, a qual especificava como deveria ser produzido o leite para a comercialização, como a forma de ordenha, higiene, armazenamento, as (os) agricultoras (es), sentiram a necessidade de modernizar a produção leiteira e a partir de políticas de investimento conseguiram efetuar – alguns foram excluídos do processo - , para Braga (2010), a modernização ocorreu principalmente através do PRONAF – Programa Nacional de Fortalecimento a Agricultura Familiar, de acordo com o mesmo autor houve uma redução do número de produtores a nível de Brasil, de Paraná e no Sudoeste do estado do Paraná houve uma



redução de 23%, isso se deve ao aumento das exigências sanitárias, a mecanização da produção e no transporte estabelecidas na lei.

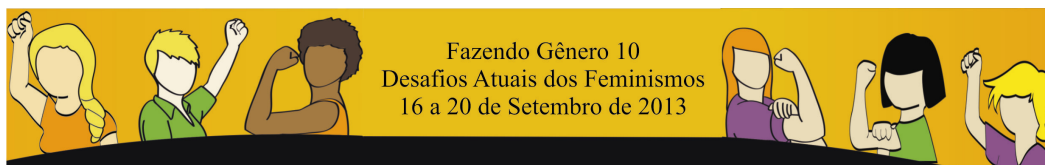
Devido às dificuldades encontradas pelas agricultoras e pelos agricultores em se inserir no modelo de produção tecnificada, ocorre à organização das associações, cooperativas, sindicatos, no entanto, nem todos os (as) associados (as) são politicamente ativos. A participação das mulheres nos órgãos citados ainda é restrita, visto que as atividades agrícolas ficam sob sua responsabilidade, enquanto o homem (esposo, pai, filho, irmão) atua e participa de reuniões nestas entidades representantes da agricultura.

Diante da modernização da produção leiteira, em que agricultores descapitalizados têm dificuldades em acompanhar esse processo e também frente à concentração da atividade leiteira pelas grandes multinacionais, o cooperativismo surge como uma forma de organização que pode dar mais autonomia ao agricultor, possibilitando a disponibilidade de financiamentos para investimentos, além da implantação de estratégias que possibilitem renda maior aos agricultores como, por exemplo, a produção de leite a baixo custo. Com base nesses pressupostos e no chamado Cooperativismo de Interação Solidária, com propostas diferentes do chamado cooperativismo de gestão empresarial, é criada a Cooperativa de Leite da Agricultura Familiar (CLAF), alicerçando-se no histórico do cooperativismo, associativismo e outras formas de organizações tanto formais como informais do Sudoeste paranaense (BRAGA, 2010. p. 47).

Apesar das entidades representativas da agricultura, bem com o cooperativismo solidário serem criados com a finalidade de inclusão dos agricultores, de melhoria no acesso ao crédito entre outros, para as mulheres estas entidades muitas vezes ficam distantes, visto que as mulheres têm dificuldades de participar e quando participam tem mais dificuldades para assumir cargos.

Essa relação entre o capitalismo e a sociedade patriarcal faz com que, além de administrar a unidade de produção, os homens também sejam os representantes da agricultura familiar em seus órgãos representativos, (sindicatos, cooperativas, associações, etc.) e isto está diretamente ligado a divisão sexual do trabalho nas unidades de produção agrícola, pois como as mulheres são responsáveis pelo trabalho não remunerado e também realizam a maior parte do trabalho que pode ser considerado cotidiano, estas encontram mais dificuldades que os homens em participar de reuniões, assembleias e de principalmente assumir cargos nas entidades.

Mas um elemento que temos observado nos projetos já desenvolvidos e em desenvolvimento é que apesar do processo organizativo da agricultura familiar, especialmente na esfera produtiva (produção e comércio), a participação das mulheres é restrita, assim como também elas assumem a defesa da família e não tem uma análise crítica sobre o processo que a fragiliza politicamente.



Referências

ALVES, Francelino Adilson, et al. Sudoeste Paranaense: Colonização, Estrutura Fundiária e Indicadores da Modernização Agrícola. In: RIBAS, A. D; SPOSITO, E. S; SAQUET, A. A. *Território e desenvolvimento: diferentes abordagens*. 3. ed. Francisco Beltrão: Unioeste, 2005.p.149-170.

BRAGA, L. C. SCHMITZ, A. M. *A produção leiteira no Sudoeste do Paraná: com enfoque ao trabalho da mulher*. In: XVI Encontro de Geografia da Unioeste Francisco Beltrão d X Encontro de Geografia do Sudoeste do Paraná, Francisco Beltrão, 2011. **Anais...** Francisco Beltrão: Unioeste/ Colegiado de Geografia, 2011.

BRASIL. Lei nº 11.326, de 24 de julho de 2006. Estabelece as diretrizes para a formulação da Política Nacional da Agricultura Familiar e Empreendimentos Familiares Rurais. Brasília: 185º da Independência e 118º da República. 14 de julho de 2006.

BRUMER Anita. *Gênero e Agricultura: a Situação da Mulher na Agricultura do Rio Grande do Sul*. Estudos Feministas, Florianópolis, v. 12. n. 1, jan-abr./2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v12n1/21699.pdf>>. Acesso em: 28 de janeiro de 2013.

HIRATA, Helena. KERGOAT, Daniele. *Cadernos de Pesquisa*, v. 37, n. 132, p. 595-609, set./dez. 2007

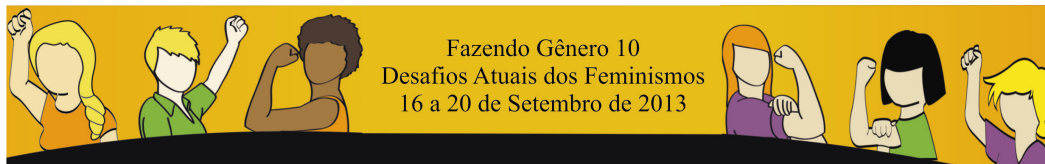
MAGALHÃES Reginaldo Sales. *A masculinização da Produção de Leite*. Revista Economia e Sociologia Rural, Brasília, volume 47, número 01, Março de 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-20032009000100010&script=sci_arttext>. Acesso em: 05/02/2013.

MENASCHE Renata, BELÉM Régis da Cunha. *Gênero e Agricultura Familiar: Trabalho e Vida na Produção de Leite do Sul do Brasil*, Raízes, Ano XVII nº 17, junho de 1998. <http://www.ufcg.edu.br/~raizes/artigos/Artigo_137.pdf>. Acesso em: 07 de março de 2013.

PAULILO Maria Igenes S. (et. al). *Mulher e atividade leiteira: a dupla face da exclusão*. Cadernos de Pesquisa, PPGSP/UFSC, Nº 21, junho de 2000. Disponível em:<<http://www.sociologia.ufsc.br/cadernos/Cadernos%20PPGSP%2021.pdf>>. Acesso em: 12 mar. 2013.

PAULILO Maria Igenes S. *Movimento de Mulheres Agricultoras: Terra e Matrimônio*. Algumas Questões de gênero na Agricultura Familiar, UFSC, junho de 2000. <<http://www.sociologia.ufsc.br/cadernos/Cadernos%20PPGSP%2021.pdf>>. Acesso em: 05/02/2013.

PAULILO Maria Igenes S. *O peso do Trabalho Leve*. Revista Ciência Hoje. Departamento de Ciências Sociais – UFSC, nº 28, 1987. Disponível em:<<http://nafa.paginas.ufsc.br/files/2010/09/OPesodoTrabalhoLeve.pdf>>. Acesso em: 02 fev. 2013.



PROJETO DE PESQUISA A PARTICIPAÇÃO POLÍTICA DAS MULHERES AGRICULTORAS NO SINDICATO DOS TRABALHADORES RURAIS DE FRANCISCO BELTRÃO. Banco de dados. Unioeste, Francisco Beltrão, 2011/12.

PROJETO DE PESQUISA E EXTENSÃO REGISTRANDO A HISTÓRIA E AS EXPERIÊNCIAS POLÍTICO-ORGANIZATIVO DAS MULHERES AGRICULTORAS DO SUDOESTE DO PARANÁ. Banco de dados. Unioeste, Francisco Beltrão, 2010.

RIBEIRO, C. R. et al. Narrativa resultado do projeto de pesquisa e extensão “Registrando a História e as Experiências Político-Organizativas das Mulheres Agricultoras no Sudoeste Paranaense” - Programa: **Universidade Sem Fronteiras**, Subprograma Diálogos Culturais, realizado na UNIOESTE, Francisco Beltrão, 2010.

SCHMITZ, A. M. *Geografia e gênero: a participação das mulheres agricultoras no Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Francisco Beltrão – PR*. 2011. 83 f. Monografia (Graduação em Geografia bacharelado) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Francisco Beltrão.

SILVA, C; ARANTES, R; FERREIRA, V. Divisão sexual e divisão racial do trabalho. In: SILVA, C; ARANTES, R; FERREIRA. *Nosso Trabalho Sustenta o Mundo*. ed. 02. Recife: SOS Corpo, 2012. 92 p.

SILVA, Joselí Maria. Fazendo Geografias: pluriversalidades sobre gênero e sexualidades. In: SILVA, Joselí Maria (Org.). *Geografias subversivas: discursos sobre espaço, gênero e sexualidades*. Ponta Grossa-PR: Todapalavra, 2009. p. 25-53.

VIEIRA Nunes Antônio José (et. al). *Pastagens e produção de leite nas regiões Sudoeste e Oeste do Paraná: Referências Técnicas para a Melhoria de Sistemas Produtivos da Agricultura Familiar*, In: Qualificação do crédito Rural – Governo do Paraná. Curitiba: Emater, 2007.

Sexual division of labor in family agriculture

Abstract: This paper deals with the theoretical part of research in development that seeks to understand the sexual division of labor on family farms, especially in milk production in the Southwest region of Paraná and in the municipalities of Francisco Beltran and Salto do Lontra. Agriculture Southwest Parana is composed mainly of small units of agricultural production that brings rudimentary techniques with modern technologies, which enable integration into the capitalist logic of production albeit fragile that conforms in family farming.

Keywords: Sexual Division of Labor. Family Agriculture. Women Farmers.